

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## ANÍSIO TEIXEIRA E A UNIVERSIDADE: O PENSAMENTO DO EDUCADOR SOBRE O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO (ANOS 1952-1964)

Fabírcia Lopes Pinheiro  
Doutoranda em Educação  
UNIRIO  
[fabricialopes22@yahoo.com.br](mailto:fabricialopes22@yahoo.com.br)

### RESUMO

O presente trabalho corresponde a uma reflexão sobre o pensamento de Anísio Teixeira relacionado ao Ensino Superior brasileiro. A intenção é de refletir sobre as contribuições do educador, sobre essa modalidade de ensino. Assim, analisar-se-á o pensamento de Anísio Teixeira quanto à Universidade, a importância dos estudos produzidos pelo autor acerca do Ensino Superior/Universidade, bem como enquanto impulsores de práticas e políticas para o mesmo. Portanto, o presente trabalho se debruça, mais particularmente, sobre as publicações de Anísio Teixeira acerca do Ensino Superior no Brasil. O presente trabalho trata-se de um estudo de abordagem histórica, que envolve a articulação entre a base documental e bibliográfica referidas ao tema. Assim, será privilegiada documentação relativa à Universidade, dentre as quais se destacam os escritos de Anísio Teixeira sobre essa Instituição, disponível no arquivo Pessoal de Anísio Teixeira, depositado no CPDOC – FGV, trabalhadas em diálogo com estudos que já foram produzidos sobre o tema.

**Palavras-chave:** Anísio Teixeira. Ensino Superior. Universidade.

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga o pensamento e as ações do educador Anísio Teixeira a respeito do Ensino Superior Brasileiro e a universidade nos anos de 1950 a 1960 durante sua gestão frente ao CBPE (1955-1964) ligado ao INEP, a partir das discussões sobre essa modalidade de ensino no interior do referido Centro.

Como frisa Alfredo Veiga-Neto (2012), é fundamental percorrer sobre os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, além de repensar o mesmo na busca de respostas aos desafios da sociedade. Segundo Ginzburg (2007) é necessário a presença de diversos documentos para formular uma análise coerente. E ainda: “Se uma narração se apoia em um único documento, como é possível deixar de fazer perguntas sobre sua autenticidade?” (2007, p.13). O corpus documental utilizado nessa pesquisa, trabalhado em diálogo com estudos que já foram produzidos sobre o tema, segue no quadro abaixo:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

**Quadro 1** – Acervos e documentos

Acervo	Corpus documental
CPDOC/FGV	Correspondências; Fotografias; Relatórios; Súmulas de trabalho; Discursos.
Biblioteca Anísio Teixeira/UFRJ	Boletins Mensais do CBPE; Revista Brasileira de Educação; Periódico Educação e Ciências.
Arquivo Histórico do INEP	Fotografias; Boletins Mensais do CBPE; Boletins Informativos; Programa de trabalho; Transcrição de Conferências; Relatórios institucionais; Carta; Projetos;
Acervo RBEP	Periódico – Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1952 a 1968).
Biblioteca do IBGE	Anuários Estatísticos (1950-1965).

Quadro elaborado pela autora.

Quanto ao tratamento de fontes, as obras de Ginzburg se encaixam em nossos objetivos metodológicos, à medida em que analisaremos fontes documentais diversas que nos permitiram confrontar informações nos documentos encontrados.

Segundo Ginzburg (2007) é necessário a presença de diversos documentos para formular uma análise coerente; e ainda: “Se uma narração se apoia em um único documento, como é possível deixar de fazer perguntas sobre sua autenticidade?” (2007, p.13). Para Ginzburg (2007), todo e qualquer documento deixa um rastro, uma pista:

A relação entre o fio - o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade - e os rastros. (...) procuro contar, servindo-me dos rastros, histórias verdadeiras (que às vezes têm como objetivo o falso). Hoje nenhum dos termos dessa definição (“contar”, “rastros”, “histórias”, “verdadeiras”, “falso”) me parece algo óbvio (GINZBURG, 2007, p.7).

Cabe ao historiador o olhar atento sobre cada pista, cada rastro, pois a ausência de uma fonte pode ser um indício, uma informação importante para a construção da análise e compreensão do objeto de estudo.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

O empenho de Anísio Teixeira no tratamento dos problemas relativos ao Ensino Superior podem ser identificados desde a sua gestão na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935) quando criou um programa de educação pública que se estendeu do pré-escolar ao Ensino Superior; passando pela criação da UDF – Universidade do Distrito Federal em 1935; por sua atuação como conselheiro sobre o Ensino Superior na Unesco (1946); em 1947 como secretário de Educação e Cultura na Bahia quando criou a Fundação Baiana de Ciência; como secretário-geral da Capes, dedicando-se à formação qualificada de pessoal docente para o Ensino Superior, até a sua atuação enquanto diretor do INEP/CBPE (1952/1955), objeto de pesquisa.

Em 1952, Anísio Teixeira assume a direção do INEP após a morte de Murilo Braga, até então, diretor do Instituto. Nesse sentido, Anísio Teixeira aproveitou a oportunidade de desenvolver uma política nacional de educação, nos anos de 1950, já à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), O intelectual conseguiu constituir o desdobramento de uma meta que vinha sendo elaborada desde a década de 1930: Fundar, em bases científicas, a reconstrução educacional do Brasil. E foi com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE/INEP) que esse educador deu início ao seu antigo projeto, buscando dar condição científica à ação educativa pela via deste órgão. Nos anos de 1950, Anísio Teixeira pretendia aproximar o campo educacional ao científico e, a um só tempo, introduzir uma postura investigativa na atividade educativa, de modo a afetar qualitativamente o sistema brasileiro de ensino.

Na gestão pública, Anísio assumiu, em 1951, no Rio de Janeiro, a convite do ministro Simões Filho, a Secretaria Geral da Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que seria por ele transformada num órgão: a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No ano seguinte, sucedendo Murilo Braga, acumularia também o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), no qual permaneceu até 1964.

As ações de Anísio Teixeira frente ao INEP, na década de 1950, intentavam transformar o INEP em um órgão mais dinâmico com vistas a converter-se num centro de formação do magistério nacional, bem como num polo de articulação e renovação do Sistema Nacional de Educação, o que fica evidenciado no discurso de posse proferido por Anísio Teixeira:

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

(...) o centro de inspirações do magistério nacional para a formação daquela consciência educacional comum que, mais do que qualquer outra força, deverá dirigir e orientar a escola brasileira. (...) Não podemos continuar a crescer do modo porque vamos crescendo, por que isto não é crescer, mas dissolver-nos. Precisamos voltar à ideia de que há passos e etapas cronologicamente inevitáveis, para qualquer progresso. Assim é que não podemos fazer escolas sem professores, seja qual for o nível das mesmas, e, muito menos, ante a falta de professores, improvisar, sem recorrer a elementos de um outro meio, escolas para o preparo de tais professores. Depois não podemos fazer escolas sem livros. E tudo isto estamos fazendo, invertendo, de modo singular, a marcha natural das coisas (TEIXEIRA, 1952, p.7-8).

Presidido, na época, por Anísio Teixeira, o INEP expressa em suas políticas desenvolvidas na década de 1950, o início a um movimento de reavaliação e reavaliação da educação nacional. Para Anísio (1952), O INEP “tem de tentar uma tomada de consciência na marcha da expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino”. Dessa forma, as ações do INEP deverão ganhar amplitude, “tomados os objetivos da educação, em forma analítica, verificar, por meio de amostras bem planejadas, como e até que ponto vem a educação conseguindo atingí-los”.

A preocupação com o nível superior, também é claramente marcada no discurso de posse de Anísio Teixeira, desse modo, as ações desse órgão também iam de encontro com a organização do Ensino Superior Brasileiro. Para o educador, havia uma política de facilitar o acesso ao Ensino Superior, sem a preocupação com a qualidade desse ensino e sem o compromisso diante o sistema educacional.

Passamos agora a "facilitar" o ensino superior, estamos dissolvendo-o, que a tanto importa a multiplicação numérica e irresponsável de escolas desse nível. Temos mais de 200 escolas superiores, mais de vinte faculdades de "filosofia", ciências e letras" e outras tantas faculdades de "ciências econômicas", isto para somente citar escolas de que não possuíamos nenhuma experiência até uns quinze anos passados. E os processos de "concessão" continuam, tudo levando a crer que o episódio do ensino secundário se vai repetir, no campo mais alto do ensino superior. O espírito é o mesmo que deu em resultado a inflação do ensino secundário: o espírito da educação para o exame e o diploma, do ensino oral, expositivo, com o material único dos apontamentos, nosso ridículo sucedâneo das sebtentas coimbrãs. Está claro que tal educação não instrui, não prepara, não habilita, não educa. Por que, então, triunfa e prospera? Porque lhe restam ainda duas saídas, sem esquecer a singular versatilidade brasileira, que nos torna capazes de passar por

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cima de deficiências educacionais as mais espantosas (TEIXEIRA, 1952, p. 6).

Havia a preocupação não só no número de escolas de nível primário, secundário e superior, mas, principalmente acerca da qualidade de ensino nessas instituições. O aumento quantitativo das escolas preocupava Anísio, para o educador, a impaciência fez com que expandissem as escolas, “sem cuidar da reconstrução do existente nem de dar, ao novo, as condições de eficiência ou eficácia que os novos tempos estão a exigir” (p.3). Dessa forma, cumpriria o INEP, dentre outras funções

medir o sistema educacional em suas dimensões mais íntimas, revelando ao país não apenas a quantidade das escolas, mas a sua qualidade, o tipo de ensino que ministram, os resultados a que chegam no nível primário, no secundário e mesmo no superior. Nenhum progresso principalmente qualitativo se poderá conseguir e assegurar, sem, primeiro, saber-se o que estamos fazendo (TEIXEIRA, 1952, p.9).

Deste modo, Anísio Teixeira deixa claro em seu discurso de posse que ali se iniciara um movimento de reverificação e reavaliação dos esforços em educação. “E é com êste espírito, Senhor Ministro, que aceito a investidura com que me honra o Govêrno da República” (p.7). Para o educador, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos “teria de tentar uma tomada de consciência na marcha da expansão educacional brasileira, examinar o que foi feito e como foi feito, proceder a inquéritos esclarecedores e experimentar medir a eficiência ou ineficiência de nosso ensino” (p.7).

Considerando o período abordado por este trabalho, a crença de que o povo brasileiro ainda não estava politicamente constituído, Anísio Teixeira defendia a expansão de instituições escolares e a reorganização do ensino superior, com o intuito de educar o povo. Sobre o Ensino Superior Libânia Xavier (2011, p. 673) nos alerta que existia divergências, “pois nem todos acatavam a prioridade do imperativo nacional ou aderiram uma visão hierárquica da ordem social”, Contudo, existia o consenso de que “caminho para o progresso passava pela ação e formação de elites esclarecidas que, ‘agindo de cima’, poderiam ‘dar forma à sociedade’. Tal concepção justificou a preocupação com ao ensino superior, cabendo à universidade formar os quadros dirigentes do país.” Uma das visões acerca do tipo de preparo mais adequado assinalava para o Ensino Superior.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A fim de modernizar a organização e a estrutura do INEP, em 28 de dezembro de 1955 foi criado pelo Decreto-Lei nº 38.460, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) ligado ao Instituto, com o envolvimento da UNESCO (NUNES, 2000, p. 114). Com sede localizada no Rio de Janeiro, o Centro objetivava a cooperação e a articulação entre educadores e cientistas sociais para o estudo e resolução dos problemas educacionais, bem como a especialização de professores para atuar no sistema público de ensino.

Nunes (2000) nos chama a atenção para o fato de que a criação do CBPE e dos CRPEs “criou uma estrutura quase paralela à estrutura do MEC para gerenciar a educação”. Ainda de acordo com a autora,

o caráter de instituição de pesquisas e de assessoramento técnico e a vinculação de órgãos internacionais como a UNESCO contribuíram para que o CBPE se constituísse num organismo peculiar – nem totalmente dependente, nem totalmente autônomo do Estado (NUNES, 2000, p. 116).

O CBPE se organizou em torno de divisões autônomas, mas com integração entre as pesquisas e temas de estudo, em prol da construção de um estatuto científico à educação. Estruturado em Divisões, o foco de investigação é direcionado à Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE), responsável por verificar e acompanhar o funcionamento do sistema oficial de ensino, inclusive do Ensino Superior. Dirigida por Jayme Abreu, a DEPE era responsável por desenvolver as pesquisas educacionais, num processo de integração entre os objetos de estudos e resultados de pesquisas. Estabeleceu parceria com a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS)<sup>1</sup>, chefiada por Darcy

---

<sup>1</sup> Chefiada por Darcy Ribeiro. Darcy Ribeiro nasceu na cidade de Montes Claros (MG) no dia 26 de outubro de 1922. Em 1943, ingressou na Escola de Sociologia e Política (USP) graduando-se em 1946. Designado por Anísio Teixeira, passou a dirigir em 1957 a Divisão de estudos sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), vinculado ao Ministério da Educação. Em 1959, por decreto presidencial, Darcy foi encarregado de planejar a montagem da Universidade de Brasília (UnB). Em 1961, com a inauguração da UnB, foi nomeado seu primeiro reitor. Em agosto de 1962 assumiu o Ministério da Educação e Cultura, deixando a reitoria da UnB, onde foi substituído por Anísio Teixeira. Em janeiro de 1963, por ocasião do retorno do país ao regime presidencialista, deixou o Ministério para assumir a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República. Em março de 1982, Darcy Ribeiro foi lançado candidato a vice-governador do Rio de Janeiro, na legenda do PDT, na chapa vitoriosa encabeçada por Leonel Brizola. Empossado como vice-governador, acumulou ainda no novo governo o cargo de secretário estadual de Ciência e Cultura, além de coordenar o Programa Especial de Educação, cuja principal meta era a implantação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs). Faleceu em 17 de fevereiro de 1997, na capital federal. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/darcy\\_ribeiro](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/darcy_ribeiro)

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Ribeiro, responsável pelas pesquisas socioantropológicas. Deste modo, as pesquisas realizadas em ciências sociais seriam utilizadas como instrumento de intervenção na realidade educacional do país, sendo subordinadas ao campo da educação para dar cientificidade aos estudos da realidade educacional. Era a tentativa do Centro de se formar uma identidade epistemológica à educação.

Anísio Teixeira defendia a expansão de instituições escolares e a reorganização do ensino superior, com o intuito de educar o povo. Sobre o Ensino Superior. Para o educador, esse novo espaço para o ensino superior - as Universidades, anunciam o florescer da civilização, sendo, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. A função da Universidade para Anísio, é única e exclusiva, não se tratando somente de difundir conhecimentos, mas sim de “manter uma atmosfera do saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo” (TEIXEIRA, 1935). Para Anísio Teixeira, a criação de identidade de um povo e do caráter nacional é a universidade, visto que para o intelectual, “são as universidades que fazem hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil” (TEIXEIRA, 1935). Assim, “a universidade faz-se centro de elaboração do próprio saber, de busca desinteressada do conhecimento, de ciência e saber fundamental básico” (TEIXEIRA, 1988, p.69).

É digno de nota que nesse período Anísio Teixeira ocupava o cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, e implantava, no até então, Distrito Federal um ciclo de reformas que influenciaram, significativamente, o cenário educacional no Brasil, contribuindo para a construção de um novo pensamento pedagógico.

Resultante desse ciclo de reformas, temos três iniciativas de reestruturação do ensino público, na então Capital Federal, com as administrações de Antonio Carneiro Leão<sup>2</sup> (1922-1926), Fernando de Azevedo (1927-1930) e por fim a gestão de Anísio Teixeira (1931-1935). Essas reformas foram sucessivas, contudo, como evidencia André

---

<sup>2</sup> Carneiro Leão elaborou o Projeto de Reforma do Distrito Federal, sob o nº. 2381, que não foi aprovado pelo Conselho Municipal. O Projeto de Reforma do Distrito Federal, elaborada por Carneiro Leão, encontra-se no seu livro “O ensino na capital do país”, ou em “Carneiro Leão e a proposta de organização da educação popular brasileira no início do século XX” (SILVA 2006).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Paulilo (2007, p. 16), “embora sucessivos, os períodos administrativos em questão aqui não foram sequenciais”, pois, entre a gestão de Antonio Carneiro Leão e Fernando de Azevedo, Renato Jardim<sup>3</sup> assumiu, brevemente, a Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal. Da mesma maneira, não foi Anísio Teixeira que substituiu Fernando de Azevedo. Entre 1930 e 1931, Osvaldo Orico<sup>4</sup> e, logo após, Raul de Faria<sup>5</sup> assumiu a Direção de Instrução, “ambos extremamente hostis ao trabalho de Fernando de Azevedo e dos seus colaboradores naquela repartição” (PAULILO, 2007, p.15). Contudo, cabe ressaltar que notamos entre as gestões de Antonio Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira um sentido de continuidade, visto que quiseram estruturar um outro funcionamento para o sistema público de ensino da capital da República.

Anísio Teixeira demonstra em seu discurso de posse, para diretor do INEP, as consequências dessas reformas ocorridas no Distrito Federal e a relação com o Ensino Superior, que intentavam reconstruir o cenário educacional brasileiro.

Nos fins da década de 20 a 30, parecia, assim, que estávamos preparados para a reconstrução de nossas escolas. A consciência dos erros se fazia cada vez mais palpitante e o ambiente de preparação revolucionária era propício à reorganização. O país iniciou a jornada de 30 com um verdadeiro programa de reforma educacional. Nas revoluções, como nas guerras, sabe-se, porém, como elas começam mas não se sabe como acabam. A primeira fase daquela jornada caracterizou-se por ímpeto construtivo e por um esforço singular nela recuperação da escola, sem perda da prudência, que uma longa

---

<sup>3</sup> Renato Maurity Jardim nasceu no dia 9 de novembro de 1867 em Resende, Rio de Janeiro. Intelectual que participou ativamente na cena educacional e política brasileira nas primeiras décadas do século XX, tendo sido responsável por iniciativas de reforma educacional e ativo participante nos mais importantes debates sobre a educação ocorridos na época. No terreno das ideias educacionais, Jardim adotava uma concepção bastante peculiar sobre a Escola Nova, defendendo que o núcleo da renovação educacional encontrava-se não nas metas sociais almejadas, mas nos procedimentos pedagógicos criados e introduzidos nas escolas por diversos pensadores. Esteve à frente da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal no ano de 1926. Faleceu em 1951, na cidade de São Paulo. Ver: CUNHA e SILVA (2013).

<sup>4</sup> Osvaldo Orico nasceu em Belém no dia 29 de dezembro de 1900. Foi professor da Escola Normal do Rio de Janeiro de 1920 a 1932, foi inspetor do ensino secundário de São Paulo em 1927 e diretor de Instrução Pública do Distrito Federal em 1930. Professor, jornalista, poeta e escritor. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 19 de fevereiro de 1981. Referência: <http://www.academia.org.br/academicos/osvaldo-orico/biografia>

<sup>5</sup> Raul de Faria nasceu em Campanha, Minas Gerais, no dia 26 de maio de 1885. Assumiu a Direção da Instrução Pública na gestão do Interventor Adolpho Bergamini, iniciada em 24 de outubro de 1930. Menos de um ano depois de assumir o cargo, Adolpho Bergamini foi demitido e, para o cargo de Interventor, assumiu, interinamente, o Coronel Julião Freire Esteves. Com a saída de Bergamini, Raul de Faria pediu demissão do cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 26 de agosto de 1944. Referência: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/FARIA,%20Raul%20de.pdf>

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

consciência de nossa pobreza em recursos humanos nos haviam inculcado. Menos do que expansão quantitativa, lutamos por melhorar a qualidade de nossas escolas. Todo o movimento era pela reforma de métodos e pela implantação de novos tipos de educação. Surgiu a universidade. Ensaçou-se um ensino médio flexível, com a integração do ensino geral com o técnico no Distrito Federal. A escola primária recuperou prestígio e deu-se início à reforma dos seus objetivos e processos de ensino. A vinda de professores estrangeiros para as novas escolas superiores, em São Paulo e no Rio, era uma nota corajosa e promissora. Em meio a tudo, o país crescia, aumentando as exigências em matéria de educação e tornando mais difícil a resistência às tendências improvisadoras, que se avolumavam em face da própria expansão nacional (TEIXEIRA, 1952.)

Para o educador, as Universidades anunciam o florescer da civilização, sendo, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. De acordo com o Discurso proferido por ocasião da inauguração solene dos cursos da Universidade do Distrito Federal (UDF), a função da Universidade para Anísio,

É uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito singelas do que as universidades. (...) Trata-se de manter uma atmosfera do saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, atração e ímpeto do presente. (TEIXEIRA, 1935, p.14)<sup>6</sup>.

Para Anísio Teixeira, a criação de identidade de um povo e do caráter nacional é a universidade, visto que para o intelectual, “são as universidades que fazem hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é

---

<sup>6</sup> Discurso proferido por ocasião da inauguração solene dos cursos da Universidade do Distrito Federal, em 31 de julho de 1935. Originalmente publicado com o título “A função das universidades” no *Boletim da Universidade do Distrito Federal*, Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, v1, n.1-2, p. 11-24, 1935. Recebeu o título “Notas para a História da Educação”, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (n.85, p.181-188, jan-mar, 1962). Na primeira edição de *Educação e Universidade*, Editora UFRJ, 1998, aparece com o título “Universidade: mansão da liberdade”, em sua segunda edição, 2011, p.30 -42, recebe o título original: “A função das universidades”.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tão assombrosamente útil” (TEIXEIRA, 1935, p. 15). É digno de nota que nesse período Anísio Teixeira ocupava o cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, e implantava, no até então, Distrito Federal um ciclo de reformas que influenciaram, significativamente, o cenário educacional no Brasil, contribuindo para a construção de um novo pensamento pedagógico.

Em suma, Anísio Teixeira em crítica ao ensino superior brasileiro, organizado em escolas isoladas e inspiradas em raízes medievais, propõe um modelo de universidade pautada na busca de se combater o atraso cultural da nação, visto que o Brasil assistia a consolidação de propostas de universidade no exterior. De acordo com o educador “A universidade se está agitando, os estudantes fazem-se inconformistas, muitos professores estão começando a se deixar sensibilizar pelos novos tempos e a ideia da universidade de pesquisa e descoberta, da universidade voltada mais para o futuro do que para o passado está visivelmente ganhando força” (TEIXEIRA, 1964, p. 47).

Como afirma Bertolletti (2012, p.554), o posicionamento de Teixeira se fez presente “na defesa de um modelo de universidade que não consistisse apenas em um mero ‘transplante’ de ideias e modelos exteriores, como se havia criado no Brasil até o momento, mas na tentativa de organização de uma instituição nacional e de acordo com o seu tempo”. Conforme Anísio, a universidade seria responsável por “transmitir a cultura existente e refletir a cultura nacional” (TEIXEIRA, 1968, p.31).

### REFERÊNCIAS

BERTOLLETTI, Vanessa Alves. Anísio Teixeira e o projeto de universidade brasileira: UDF e UNB. IX *Seminário nacional de estudos e pesquisas: história, sociedade e educação no Brasil*. Anais. Paraíba, 2012, p.551-569

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Tradução por Rosa Freire d’Aguiaire Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: A poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. A universidade de ontem e de hoje. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, n.95, 1964. p.27-47.

\_\_\_\_\_. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v.50, n.111, jul./set. 1968. p.21-82.

\_\_\_\_\_. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

TEIXEIRA, Anísio. Discurso proferido por ocasião da inauguração solene dos cursos da Universidade do Distrito Federal, em 31 de julho de 1935. Disponível no Arquivo Pessoal Anísio Teixeira. CPDOC/FGV.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v.17,n.50, p.267-492, maio/ago. 2012.

XAVIER, Libânia N. Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.2. abr.-jun., 2011. p.669-682.